

# CRONOS E KAIRÓS EM PAUL TILLICH

Alessandro Leonardo Rodrigues Silva\*

## INTRODUÇÃO

Quando falamos sobre o *tempo*, via de regra pensamos em conceitos como “calendário”, “horas”, “dias”, “anos”, que surgem com princípio meio e fim e geralmente de maneira linear. No entanto, quando se faz uma abordagem mais aprofundada do termo buscando suas raízes na língua grega, descobre-se que há outras possibilidades de interpretação. Em grego, o termo *tempo* possui uma vasta e rica abrangência de termos no qual se expressa a experiência de tempo, onde podemos categorizar ao menos três: *aiôn* (Αἰών)<sup>1</sup>, *cronos* (Χρόνος) e *kairós* (καιρός).

Na teologia cristã, essa diferenciação do significado de cada um desses termos é importante, na medida em que ajudam a compreender a ação de Deus na história, por meio do *tempo*, onde a noção do mesmo é diferente para o homem e para Deus. Um dos teólogos cristãos que mais valorizou o uso desses termos foi Paul Tillich<sup>2</sup>, definindo o significado dos termos *cronos* e *kairós*, e enfatizado este último como cheio de reserva de sentido para a sua teologia.

Por isso, a seguir será feita uma abordagem dos termos *cronos* e *kairós*, procurando apontar em linhas gerais o significado de cada uma delas. Em seguida, será feita uma breve exposição comparativa de alguns textos de Paul Tillich, a fim de apresentar brevemente de que maneira o mesmo entende e articula esses termos na construção de seu pensamento teológico.

---

\* Aluno do Mestrando em Ciências da Religião pela Universidade Presbiteriana Mackenzie – SP.

<sup>1</sup>O termo *aiôn* é interpretado como “era”, “duração de vida”, “época”, “eternidade”, entre outros (HAHN, 2000, p. 2452).

<sup>2</sup> Maiores informações sobre Paul Tillich, tais como sua biografia, teologia e outros temas podem ser encontrados em artigo de Carlos Calvani, onde o autor aborda a história e referenciais teóricos desse teólogo (CALVANI, 1995, pp. 11-35).

## 1. CRONOS

*Cronos* ou *Chronos*, é uma palavra de origem grega (*Κρόνος* ou *Χρόνος*), cujo significado originalmente era relacionado a “tempo” ou “período de tempo” (HAHN, 2000, p. 2465). Esse termo remete à mitologia grega, onde *Cronos* era um *titã* conhecido como a “personificação do tempo” ou “senhor do tempo”. O *Cronos* da mitologia grega também era associado na mitologia Romana a *Saturno*, sendo nesta também conhecido como senhor do tempo (BULFINCH, 2012, p. 19).

Na mitologia grega, *Cronos* é o filho caçula de *Urano* (representação do céu) e *Gaia* (personificação da terra), o mais jovem dos *titãs* pertencentes à primeira geração de seres divinos. Segundo conta o mito, *Urano* temia perder o poder para seus filhos e, por causa disso, cada vez que nascia um deles, ele os devolvia para o útero de *Gaia*. Isso ocorre até que um dia *Gaia* decide esconder um de seus filhos: *Cronos*. Quando este cresce, a pedido de sua mãe, ataca o pai e o castra com uma foice. Conforme é narrada na *História do Céu e de Crono*:

Quantos da Terra e do Céu nasceram, filhos os mais temíveis, detestava-os o pai dês o começo: tão logo cada um deles nascia a todos ocultava, à luz não os permitindo, na cova da Terra. Alegrava-se na maligna obra o Céu. Por dentro gemia a Terra prodigiosa atulhada, e urdiu dolosa e maligna arte. Rápida criou o gênero do grisalho aço, forjou grande podão e indicou aos filhos. Disse com ousadia, ofendida no coração: “Filhos meus e do pai estólido, se quiserdes ter-me fé, puniremos o maligno ultraje de vosso pai, pois ele tramou antes obras indignas”. Assim falou e a todos reteve o terror, ninguém vozeou. Ousado o grande Crono de curvo pensar devolveu logo as palavras à mãe cuidadosa: “Mãe, isto eu prometo e cumprirei a obra, porque nefando não me importa o nosso pai, pois ele tramou antes obras indignas” (HESÍODO, 1995, pp. 92-93).

A partir desse evento, *Cronos* passa a governar, casa com sua irmã *Réia*, com quem teve seis filhos (*Héstia*, *Deméter*, *Hera* – mulheres, e *Hades*, *Poseidon* e *Zeus* - homens). Porém, *Urano*, antes de ser destronado por *Cronos* profetizou uma maldição a este, segundo a qual um de seus filhos lhe tomaria o poder e o lançaria ao mundo subterrâneo. Por essa razão, a fim de evitar que a profecia se cumprisse, *Cronos* passou a devorar todos os filhos que nasciam. Conforme a narrativa em *O nascimento de Zeus*:

Réia submetida a Crono pariu brilhantes filhos: Héstia, Deméter e Hera de áureas sandálias, o forte Hades que sob o chão habita um palácio com impiedoso

coração, o troante Treme-terra e o sábio Zeus, pai dos Deuses e dos homens, sob cujo trovão até a ampla terra se abala. E engolia-os o grande Crono tão logo cada um do ventre sagrado da mãe descia aos joelhos, tramando-o para que outro dos magníficos Uranidas não tivesse entre os imortais a honra de rei (HESÍODO, 1995, p. 102).

Diante dessa violência, *Réia*, com o propósito de preservar seu filho mais jovem – *Zeus* – engana seu marido *Cronos*, dá uma pedra enrolada em um pano para este engolir, escondendo assim seu filho caçula. *Zeus* cresce escondido em uma caverna em Creta, sob a proteção de ninfas e de *Réia*, sua mãe. Posteriormente, *Zeus* faz *Cronos* vomitar todos os filhos que havia devorado, vence seu pai e o expulsa para o Tártaro. Nesta vitória, *Zeus* e os demais recebem o dom da imortalidade, pois derrotaram *Cronos*, o “Senhor do Tempo”.

Assim, a partir desse mito, *Cronos* ou *chronos* era o nome atribuído ao “tempo dos homens”, ou seja, o tempo físico, cronológico, e que segue uma ordem com início e fim. Atualmente, *chronos* é utilizado para definição do tempo cronológico e físico dentro de um limite, ou seja, refere-se a dias, meses anos, segundos, minutos, horas, calendário, rotina etc.

## 2. KAIRÓS

*Kairós* (καιρός) é uma palavra grega que tem, entre seus principais significados, “ponto no tempo”, “oportunidade favorável”, “tempo certo”, “ocasião oportuna”, “época conveniente”, (HAHN, 2000, p. 2458), “tempo próprio” (TAYLOR, 1991, P. 107). Diferentemente da noção de tempo atribuída a *chronos* – usado em tempo cronológico e linear e entendido em natureza quantitativa, *kairós* possui natureza qualitativa – um momento singular, especial, o tempo certo – a experiência do tempo oportuno.

Em teologia, *kairós* é utilizado no sentido de “tempo de Deus”. É assim, por exemplo, no Antigo Testamento, onde o tempo é essencialmente entendido qualitativamente do ponto de vista do encontro entre Deus e o homem, aparecendo na *Septuaginta* – versão grega do Antigo Testamento – cerca de 300 vezes, três vezes mais do que *chronos*, frequentemente utilizado com a função de chamar a atenção à atividade de Deus na história da nação de Israel (HAHN, 2000, p. 2460).

Já no Novo Testamento, *kairós* aparece 85 vezes, tendo como base de interpretação praticamente o mesmo modo de entendimento do Antigo Testamento. Em grande parte, *kairós* é empregado para apontar um “tempo específico”. Assim, aparece aplicado para “tempo dos gentios”, “tempo da graça”, “tempo do Reino de Deus”, “o último tempo” (*khairós eschatos* – 1 Pe 1.5), entre outros (HAHN, 2000, pp. 2462-2164).

Na língua portuguesa (e na civilização moderna), não se diferencia *cronos* de *kairós*, geralmente usando-se apenas uma palavra para expressar a noção de “tempo”.

### 3. KRONOS E KAIRÓS EM PAUL TILLICH

Paul Tillich, um dos maiores teólogos protestantes do século XX (para alguns, o maior), teve como um dos pontos importantes de seu pensamento a noção e interpretação de *kairós* para tratar de vários temas de sua teologia, tais como cristologia, história e Reino de Deus, entre outros. Assim como vimos anteriormente acerca do entendimento entre *cronos* e *kairós*, Tillich também diferenciava estes dois termos da mesma maneira, entendendo o “*cronos*”<sup>3</sup> como “tempo formal”, e “*kairós*” como “tempo certo” ou momento pleno de riqueza, conteúdo e de significado. A seguir serão apresentados, com o intuito de exposição e comparação, alguns trechos das seguintes obras de Paul Tillich: *História do Pensamento Cristão (HPC)*, *A Era Protestante (EP)*, e *Teologia Sistemática (TS)*<sup>4</sup> - os quais apresentam a compreensão de Tillich sobre o *Kairós* – a fim de demonstrar como este aborda o tema, e a partir daí, constrói sua base para interpretações teológicas. Também será exposto o conceito de *símbolo* em um breve trecho de sua obra *A Dinâmica da Fé*, para demonstrar como ele trata essa ideia no aparecimento do *kairós* ao longo da história. Não é intuito neste trabalho de se fazer uma análise mais aprofundada do tema *kairós* em Tillich, mas sim, apenas demonstrar que por sua importância, Tillich

---

<sup>3</sup> As obras de Tillich traduzidas para o português trazem em sua grafia o termo “*cronos*” como “*chronos*”, conforme o autor utilizou originalmente. Portanto, a partir deste ponto, utilizaremos “*chronos*” para tratar do tema.

<sup>4</sup> Para que não seja necessária a repetição constante dos nomes por extenso de cada uma das obras de Tillich, a partir desse momento, serão utilizadas as seguintes abreviações para se referirem a cada uma delas: “HPC” (História do Pensamento Cristão); “EP” (A Era Protestante) e “TS” (Teologia Sistemática).

recorre ao mesmo em diferentes textos e partes de seus escritos, e em várias fases de construção da sua teologia ao longo dos anos.

Assim, ao definir o significado de *kairós* em oposição a *chronos*, em *EP*, Tillich diz: *A extrema sensibilidade do espírito da língua grega diferenciou **chronos**, “tempo formal”, de **kairos**, “tempo certo” ou momento pleno de riqueza de conteúdo e de significado* (TILLICH, 1992, p. 64). Já em *HPC*, logo no início ele afirma:

Esta palavra grega exemplifica a riqueza da língua grega em comparação com a pobreza das línguas modernas. Só temos um vocábulo para “tempo”. Os gregos têm dois, *chronos* e *kairos*. *Chronos* é o tempo do relógio, que se pode medir, como aparece em palavras como “cronologia” e “cronômetro”. *Kairos* não tem nada a ver com esse tempo quantitativo do relógio, mas se refere ao tempo qualitativo da ocasião, o tempo certo (TILLICH, 2000a, p. 24).

Em princípio, portanto, Tillich expõe sua compreensão tanto de *Chronos* quanto de *Kairós* nos mesmos termos de seu significado segundo a língua e a tradição grega. Já na *TS*, ele continua afirmando o significado do *kairós* em termos diferentes de *chronos*, mas agora utilizando como comparativo do tempo do *kairós* a figura de Deus. Neste, temos:

Seu sentido original, o tempo oportuno, o tempo em que algo pode ser feito – deve ser contrastado com *chronos*, o tempo mensurável ou tempo do relógio. O primeiro é qualitativo, o segundo quantitativo. Na palavra inglesa “timing”, se expressa algo do caráter qualitativo do tempo, e se falássemos de um “timing” de Deus em sua atividade providencial, esse termo se aproximaria do sentido da palavra *kairós*. No grego corrente, essa palavra é usada para qualquer propósito prático em que se apresenta uma boa ocasião para a ação (TILLICH, 2000b, p. 667).

Com essa comparação, abre-se espaço para que Tillich introduza a ideia de um *Kairós* – tempo oportuno – como o tempo em que Deus age de forma especial e decisiva na história da humanidade, por meio da encarnação de Jesus. Dessa maneira, a encarnação de Jesus como homem representa a entrada de Deus na história e no tempo propriamente dito. Esse tempo especial e oportuno, em sua compreensão, precisou de um período de preparação para a chegada do *kairós*, onde a soma de vários eventos permitiram o surgimento do contexto adequado para a vinda de Jesus. Ele classifica essa preparação através dos seguintes eventos: universalismo do Império Romano; a Filosofia Helênica (ceticismo, tradição

platônica, estoicismo, ecletismo); os eventos do período intertestamentário; e as religiões de mistério (TILLICH, 2000a, pp. 25-37). Tillich fundamenta essa preparação para o *kairós* em *HPC*, ao interpretar a visão paulina da vinda de Jesus, afirmando:

Segundo o apóstolo Paulo nem sempre existe a possibilidade de acontecer o que, por exemplo, aconteceu no aparecimento de Jesus, o Cristo. A vinda de Jesus se deu num momento especial da história em que tudo estava preparado (...) Paulo fala de *kairos*, para descrever o sentimento de que o tempo estava pronto, maduro, ou preparado. (...) Algumas histórias do Evangelho falam desse tempo. Determinados fatos aconteceram quando o tempo certo, o *kairos*, não chega. Quando se fala em *kairos* se quer indicar que alguma coisa aconteceu tornando possíveis ou impossíveis certas ações. Todos nós experimentamos momentos em nossas vidas quando sentimos que agora é o tempo certo para agirmos, que já estamos suficientemente maduros, que podemos tomar decisões. Trata-se do *kairos*. Foi nesse sentido que Paulo e a igreja primitiva falaram de *kairos*, o tempo certo para a vinda de Cristo. A igreja primitiva e Paulo até certo ponto tentaram mostrar por que esse tempo era o tempo certo, e de que maneira o seu aparecimento tinha sido possibilitado por uma constelação providencial de fatores (TILLICH, 2000a, p. 24).

A partir daí, Tillich vai apontar o evento da entrada de Deus por meio de Jesus Cristo na história humana como o momento especial do *kairós*, onde fica marcado para sempre na história.

Partindo dessa ideia, ele fala sobre o *kairós* lembrando que este termo aborda eventos importantes da vida e ministério de Jesus, tais como sua morte e a plenitude do Reino de Deus, para depois demonstrar a compreensão paulina do *kairós* do momento certo do envio do Filho de Deus, afirmando então este não apenas como uma marca na história, mas sim, da vinda de Jesus como o “centro da história”, conforme afirma na *TS*:

No Novo Testamento é a tradução de uma palavra usada por Jesus quando fala de seu tempo que ainda não chegou – o tempo de seu sofrimento e morte. É usado tanto por João Batista quanto por Jesus quando anunciam a plenitude do tempo com relação ao Reino de Deus que está “à mão”. Paulo usa *kairós* quando fala numa visão histórico-universal do momento do tempo em que Deus podia enviar seu Filho, **momento que foi selecionado para ser o centro da história**. Para reconhecer esse “grande *Kairós*”, devemos ter a capacidade de ver os “sinais dos tempos”, como Jesus diz quando acusa seus inimigos de não os ver. Paulo, em sua descrição do *kairós*, considera a situação tanto do paganismo quanto do judaísmo e na literatura deuteropaulina a visão histórico-universal e cósmica do aparecimento do Cristo desempenha um papel cada vez mais importante. Interpretamos a plenitude do tempo como sendo o momento de maturidade num desenvolvimento religioso e cultural particular – acrescentando, contudo, o aviso de que maturidade significa não apenas a capacidade de receber a manifestação

central do Reino de Deus como também o maior poder para resisti-la. Pois maturidade é o resultado da educação mediante a lei, e em alguns que assumem a lei em sua seriedade radical, maturidade significa desespero da lei, com a resultante busca daquilo que vence a lei por ser “boas novas” (TILLICH, 2000b, p. 667 – grifo nosso).

O centro da história é o lugar onde se encontra a presença e ação de Jesus como o Cristo encarnado. Esse centro da história é que determina então tanto o começo quanto o fim da história, sendo o *kairós* o ponto central da mesma. O termo “centro da história” e a ideia de princípio e fim da história, no entanto, não tem significado quantitativo como numa ideia a partir do *chronos*, mas sim, de forma qualitativa – um *kairós* – tempo especial, qualitativo. Assim, a partir deste *kairós*, o cristianismo interpreta tal evento como a chegada do *Reino de Deus* instaurado na história:

Qualquer que seja o ritmo das manifestações do Reino de Deus na história, o cristianismo reivindica estar baseado em sua manifestação central. Portanto ele considera o aparecimento de Jesus enquanto o Cristo como sendo o centro da história – se a história é considerada em seu caráter auto-transcendente. O termo “centro da história” nada tem a ver com medidas quantitativas que poderiam ser entendidas como uma linha divisória entre um passado indefinido e um futuro indefinido, assim como esse termo também não descreve um momento histórico em que o processo cultural chegou a um ponto onde as linhas do passado estavam unidas e determinaram o futuro. Não há semelhante ponto na história. E o que vale para a relação do centro da história com a cultura vale igualmente para sua relação com a religião. A metáfora “centro” um momento na história diante do qual tudo o que vem antes dela é ao mesmo tempo sua preparação e recepção. Como tal, ele é ao mesmo tempo critério e fonte de poder salvífico na história (TILLICH, 2000b, pp. 662-663).

Ainda na *TS*, ele demonstra o aspecto **qualitativo** da irrupção do evento *kairós-Jesus* como “centro da história”:

Diante dessas conotações do termo “centro da história”, podemos dizer que a história humana, considerada do ponto de vista da auto-transcendência da história, não é apenas um movimento dinâmico, correndo para a frente, mas também um todo estruturado em que um ponto é o centro (TILLICH, 2000b, p. 664).

Outro termo que Tillich utiliza para explicar a ideia do *kairós* de Jesus e o Reino de Deus é o conceito neotestamentário de *plenitude do tempo*:

Falamos do momento em que a história, em termos de uma situação concreta, amadureceu até o ponto de poder receber a irrupção da manifestação central do Reino de Deus. O Novo Testamento chamou a esse momento de “plenitude do tempo”, em grego *kairós* (TILLICH, 2000b, p. 666).

Ele foi escolhido para recordar à teologia cristã o fato de que escritores bíblicos, não apenas do Antigo como também do Novo Testamento, tinham a consciência da dinâmica auto-transcendente da história (TILLICH, 2000b, p. 666).

Tendo esse entendimento da irrupção do Reino de Deus em Jesus Cristo como o *Kairós* – tempo qualitativo e marcante do “centro da história” - Tillich sugere a possibilidade de que outros “*kairós*” - manifestações do Reino de Deus - surjam em outros momentos da história, como eventos de menor importância em relação ao “ponto central”, mas ainda assim, importantes para o processo temporal histórico (*crhonos*) em que podem aparecer, como relatadas em *EP*:

*Kairos*, “plenitude de tempo”, segundo o uso do Novo Testamento, descreve o momento em que o eterno entra no tempo, e o tempo se prepara para recebê-lo. O que aconteceu no *kairos* único e especial, que foi o aparecimento de Jesus, o Cristo, isto é, como centro da história, pode aparecer novamente numa forma derivada no processo do tempo, criando centros de importância menor e periodizando a história (TILLICH, 1992, p. 20).

Para a fé cristã o termo *kairos* em sentido universal e *único* significa o aparecimento de Jesus, o Cristo. Já em sentido genérico e especial, para os filósofos da história, quer dizer qualquer momento de mudança na história em que o eterno julga e transforma o temporal. Assim, nesse sentido especial, em que se faz decisivo para a presente situação, representa a vinda da nova autonomia nos domínios de uma cultura autônoma já secularizada e vazia (TILLICH, 1992, p. 76).

Tais experiências desse *kairós* “menor” ocorrem em momentos da história da igreja, enquanto que o “grande *kairós*”, a manifestação do centro da história, pode acontecer por meio de vários “*kairoi*” relativos, ocorrendo de maneira específica, conforme aponta na *TS*:

O fato de que as experiências kairóticas pertençam à história das igrejas e que o “grande *kairós*”, o aparecimento do centro da história, seja sempre de novo reexperienciado mediante “*kairoi*” relativos, em que se manifesta o Reino de Deus numa irrupção particular, é decisivo para nossa consideração. A relação daquele *kairós* com os *kairoi* é a relação do critério com aquilo que é nutrido pela fonte de poder. *Kairoi* ocorreram e estão ocorrendo em todos os movimentos preparatórios

e de recepção na igreja latente e manifesta. Pois embora o Espírito profético esteja latente ou mesmo reprimido durante longos intervalos na história, ele nunca está ausente e rompe as barreiras da lei num *kairós* (TILLICH, 2000b, pp. 667-668).

Essa possibilidade de um “*kairoí*” para Tillich, no entanto, não fica restrita à experiência de Jesus de maneira literal, mas sim, de forma simbólica, como o “Incondicionado” que pode surgir em qualquer momento da história e em qualquer manifestação cultural. Tillich justifica a ideia simbólica afirmando que *aquilo que toca o homem incondicionalmente precisa ser expresso por meio de símbolos, porque apenas a linguagem simbólica consegue expressar o incondicional* (TILLICH, 1995, p. 30). A partir desse conceito, entende-se que “momentos *kairóticos*” podem ocorrer mesmo em expressões religiosas não cristãs, ou em movimentos que em princípio não sejam vinculados a nenhuma religião formal, mas que levem a uma manifestação profética que seja marcante para a história humana.

Por fim, Tillich trata do *kairós* para falar do “fim da história”. E da mesma maneira em que ele cita o evento de preparação para a chegada do Reino de Deus e a sua presença como centro da história, vai falar desse fim da história não em termos quantitativos, mas sim qualificativos. Na *TS*, utilizando a linguagem neotestamentária, ele vai dizer:

A história e a busca do Reino de Deus – O último estágio do homem histórico foi identificado com o estágio final da plenitude – com o Reino de Deus atualizado na terra. Mas o “último” em sentido temporal não é o “final” em sentido escatológico. Não é por acaso que o Novo Testamento e Jesus resistiram à tentativa de fixar os símbolos do fim dentro de um quadro cronológico. Nem mesmo Jesus sabe quando virá o fim; ele independe do momento histórico e pós-histórico da humanidade, embora o modo de “futuro” seja usado em sua produção simbólica. Isso deixa aberto o futuro da humanidade histórica a possibilidades derivadas da experiência presente (TILLICH, 2000b, p. 619).

A experiência *kairótica* ocorreu sempre de novo na história das igrejas, embora esse termo não haja sido usado. Toda vez que o Espírito profético despertou nas igrejas, falou-se em “terceiro estágio”, o estágio do “governo de Cristo” no período de “mil anos” (TILLICH, 2000b, p. 667).

O fim da história não aparece aqui no sentido cronológico (*chronos*), mas sim, no momento em que a humanidade perder sua consciência, deixando de fazer perguntas sobre sua condição e alienação.

O fim da história, no mesmo sentido em que falamos de seu início, é o momento em que a humanidade deixa de perguntar por sua condição da alienação. Isso pode ocorrer mediante a extinção exterminada humanidade histórica através de uma destruição causada cósmica ou humanamente, ou pode ocorrer por transformações biológicas ou psicológicas que aniquilem a dimensão do espírito ou por uma deterioração interior sob a dimensão do espírito que prive o homem de sua liberdade e conseqüentemente da possibilidade de ter uma história (TILLICH, 2000b, p. 665).

Em outras palavras, a experiência kairótica está sob a ordem do destino histórico, que torna impossível qualquer previsão em sentido científico-técnico. Nunca uma data prevista na experiência de um *kairós* esteve correta; nenhuma situação vislumbrada como resultado de um *kairós* chegou a existir. Mas algo ocorreu a algumas pessoas mediante o poder do Reino de Deus tal qual se tornou manifesto na história, e desde então a história tem mudado (TILLICH, 2000b, p. 668).

Para o cristianismo, não há uma previsão de quando isso pode ocorrer. Há apenas os sinais, que serão interpretados por meio da fé, podendo ou não acontecer de fato.

## CONCLUSÃO

*Chronos* e *kairós* expressam significados diferentes para a compreensão do conceito de tempo. Em que pese a importância do conceito de *kairós* para a teologia cristã, ambos – *chronos* e *kairós* - são termos e conceitos importantes para o entendimento da história e seus acontecimentos, tais como a encarnação de Jesus, a irrupção do Reino de Deus e os acontecimentos futuros advindos desses eventos. Paul Tillich, utilizando a tradição filosófica e teológica de tais conceitos, elabora parte significativa de seu pensamento, onde o *kairós* em Jesus é o centro da história, mas que pode ocorrer em outras épocas, culturas, locais arte, filosofia ou religião.

## BIBLIOGRAFIA:

- BULFINCH, Thomas. **O Livro da Mitologia**. São Paulo: Martin Claret, 2012.
- CALVANI, Carlos E. B. **Paul Tillich: Aspectos biográficos, referenciais teóricos e desafios teológicos**. Em: **Paul Tillich: 30 anos depois**. Revista de Estudos da Religião nº 10. São Bernardo do Campo, julho de 1995.

HESÍODO. **Teogonia – A Origem dos Deuses (estudo e tradução de Jaa Torrano)**. São Paulo: Editora Iluminuras, 1995.

HAHN, H. C. **Tempo**. Em: BROWN C./ COENEN, L. **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2000.

TAYLOR, William Valey. **Dicionário do Novo Testamento Grego**. Rio de Janeiro: JUERP, 1991.

TILLICH, Paul. **A Dinâmica da Fé**. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1995.

TILLICH, Paul. **A Era Protestante**. São Paulo: Ciências da Religião, 1992.

TILLICH, Paul. **História do Pensamento Cristão**. São Paulo: ASTE, 2000.

TILLICH, Paul. **Teologia Sistemática**. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2000.